CLEUSA MARIA MANTOVANELLO LUCON, PESQUISADORA CIENTÍFICA DO INSTITUTO BIOLÓGICO. VITIELLO, N.; PAES MANSO, T.C.P.; REBOUÇAS, M.M.; D'AGOSTINI, S. Instituto Biológico, Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento, Museu/Centro de Memória do Instituto Biológico, Av. Cons. Rodrigues Alves, 1252, CEP 04014-900, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: paesmanso@biologico.sp.gov.br. **Cleusa Maria Mantovanello Lucon, scientific researcher of the Instituto Biológico.**

É patente o interesse dos colaboradores do Museu/Centro de Memória do Instituto Biológico em assegurar, em sua memória, documentos que permeiam pela vida científica dos pesquisadores do Instituto Biológico (IB). Como tantos outros, a Dra. Cleusa deixa claro que o seu crescimento como ser humano e profissional se deve também ao convívio com os colegas, amigos e a comunidade interessada nos trabalhos que desenvolveu no IB, tornando-a uma pessoa melhor e mais feliz. Apresentam-se alguns trechos de sua entrevista, que nos deixa orgulhosos de tê-la entre nós. Dra. Cleusa tem, por formação universitária, as Ciências Biológicas. Seu primeiro contato com o IB foi em 1984, quando veio em busca de estágio para a realização de uma monografia para a obtenção do título de Bacharel em Biologia. Sua orientadora de iniciação foi a Dra. Deniza A. Palazzo, na antiga Seção de Frutíferas. Sua monografia teve por objetivo o estudo da epidemiologia do cancro cítrico. Desse estudo, foi publicado o primeiro artigo científico com o seu nome como colaboradora. Assim que se formou, obteve uma bolsa de aperfeiçoamento do CNPq, 1986/87, sendo orientada oficialmente pela Dra. Victoria Rossetti, dando continuidade aos estudos sobre cancro cítrico. Em 1988, defende seu mestrado na ESALQ, em Microbiologia Agrícola. Em 1992, presta concurso para Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica, no IB, ingressando na Seção de Micologia Fitopatológica, sob a orientação da Dra. Cybelle P. Vaz Pimentel. Com a sua expertise, torna-se Pesquisadora Científica, em 1997, e sua atividade é aquela que a fez plena em sua carreira: o controle biológico de doenças de plantas e promoção de crescimento de plantas pelo uso de antagonistas/agentes benéficos, visando à proteção e ao aumento da produtividade de plantas de interesse econômico, como hortaliças, soja e cana, entre outras. O uso das cepas de *Trichoderma* é de grande interesse, tanto por parte dos pequenos produtores, orgânicos ou não, como de grandes produtores de *comodities* e empresas nacionais e multinacionais que visam à comercialização desses fungos. Além disso, sempre participou de fóruns de discussão sobre agricultura orgânica, via CPORG, e ofereceu cursos e palestras na área, visando à inserção do Instituto Biológico nesse cenário, que vem crescendo cerca de 20% ao ano no país. Dentre os diversos trabalhos que a Dra. Cleusa publicou em colaboração com outros pesquisadores, destacam-se os originados de três teses de mestrado que coorientou, versando sobre a proteção de plantas contra patógenos foliares, com a aplicação de *Trichoderma* no sistema radicular. Aponta ela: *“São trabalhos inéditos no Brasil, e a tecnologia ainda não foi desenvolvida para ser utilizada em campo. Uma grande pena, porque poderia destacar a Instituição nesta área de indução de resistência contra fitopatógenos foliares, a melhor tecnologia que qualquer agricultor desejaria muito utilizar, pois a aplicação de um único agente (Trichoderma) poderia proteger as plantas contra diversos tipos de fitopatógenos. De fato, é uma pena eu não deixar um pesquisador no meu lugar, agora que me aposento, para continuar a pesquisar esta forma de controle tão maravilhosa e perfeita, de enorme interesse da população brasileira. Uma necessidade vital para os próximos estudos sobre este maravilhoso fungo, Trichoderma.”*